

Gravação: ep06_samba_vimeo_2.0

Duração: [00:27:38]

Legenda	Descrição
(- comentário aqui)	Comentários do transcritor, exemplo (- risos)
[00:00:00]	Marcação do tempo onde inicia uma fala
(inint) [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahã, uhum	Interjeição de afirmação, concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Orador A	Marcos Suzano
Orador B	Gabriel
Orador C	Não identificado
Orador D	Não identificado

Início da Transcrição [00:01:11]

Orador A: O Som e o Silêncio é uma série com protagonistas da música brasileira. De um lado, os artesãos que dominam a arte da fabricação dos instrumentos; do outro, os músicos que encantam as plateias. Como se dá essa parceria, essa busca pelo som ideal? Essa é a pergunta que eu, Marcos Suzano, músico e percussionista, pretendo investigar. Hoje é o dia dos instrumentos da batucada do samba. (- sons de batucada de samba) E aí, Gabriel?

Orador B: Alô. E aí?

Orador A: Estamos aqui de frente uma seleção de instrumentos de samba, né?

Orador B: É. Essa aí é a orquestra, né, do... De uma escola.

Orador A: Orquestra?

Orador B: É.

Orador A: Então o que... Vamos lá. Contrabaixo?

Orador B: É, são os surdos, né? Toda a bateria de escola, com exceção da Mangueira, tem os...

Orador A: É.

Orador B: ...os graves. São os surdos de primeira, surdos de segunda, surdos de terceira. Surdo de primeira ele toca no segundo tempo. Tá aí a primeira rasteira, mas talvez tenha sido porque, assim, quando o repique sobe, o primeiro instrumento a entrar é o surdo de primeira, que é o surdo mais grave, mas aí ele já tá no segundo tempo do compasso. Aí chamam de surdo de primeiro. Surdo de segunda é que toca no tempo um e o surdo de terceira que faz o balanço entre a marcação, né?

Orador A: Isso. Aí na escola... A escola de samba, por exemplo, aqui os surdos seriam os baixos, o violoncelo, o quê? O surdo de terceira, um surdo de corte, a viola é o repenique, né?

Orador B: É.

Orador A: O violino aí já tá na caixa, né, nos tamborins, né?

Orador B: É, chamam até que caixa violino de malandro.

Orador A: É isso aí...

Orador B: Toca aqui em cima.

Orador A: Então, viu?

(- risos)

Orador A: Tem... Tem toda essa... Essa transferência pro mundo sinfônico, né?

Orador B: Total.

Orador A: Porque funciona como orquestra sinfônica.

Orador B: É isso mesmo.

Orador A: Ah, que legal. Fecha aí, viu? Que som, hein? Que (Inint) [00:04:05] Opa. Vamos fazer esse som lá no show aí. Ele já tá com o tampão no ouvido (Inint) [00:04:32]

Orador C: O meu tio, Miguel Fazanele, lá em mil novecentos e cinquenta e quatro, ele trabalhava numa loja de instrumentos musicais na Vinte e Quatro de Março, aqui em São Paulo, que é maio... Que era uma loja chamada Casa Maron, era uma grande loja.

Orador A: Maron, é, (Inint) [00:04:52]

Orador C: E meu tio recebeu um convite pra sair da Casa Maron pra trabalhar com um senhor que tinha uma oficina de instrumentos. Eles trabalharam, começaram a trabalhar juntos, o meu tio começou a receber esses instrumentos de sopro pra manutenção, e na frente ele montou uma lojinha e essa loja na frente vendia os acessórios dos instrumentos de sopro e na parte do fundo fazia a manutenção, era oficina. Com o passar do tempo, o... Começou a aparecer o pessoal do Rio, chegar aqui em São Paulo pra fazer as batucadas, fazer os shows. E aí o pessoal, o Carlinhos Pandeiro de Ouro, Xangô, essa turma toda lá de trás. Eles começaram a chegar em São Paulo pra tocar e começaram a frequentar a loja também como um ponto de encontro, fazer uma manutenção do instrumento deles, já que sabiam que o meu tio tinha oficina. Aí o meu tio começou a receber essa... A informação de que precisavam de instrumentos maiores. Eles tocavam antigamente os pandeiros, né, você sabe...

Orador A: É.

Orador C: O tamborim na bateria.

Orador A: O tamborim.

Orador C: ...não tinha afinação, né?

Orador A: É.

Orador C: O pandeiro também não.

Orador A: Era tudo meio...

Orador C: No couro, corda, né?

Orador A: É, mal... Amarrado...

Orador C: Esquentavam lá...

Orador A: Pregado.

Orador C: Pregado. Quando tinha que afinar no meio da bateria...

Orador A: Esquentavam um negócio.

Orador C: Fazia a fogueira lá, esquentavam as peças e... E meu tio, com essa oficina do lado, ele tinha a possibilidade de mudar isso. Então ele foi colocando tarraxa, ele foi mudando o tamanho do bumbo da fanfarra pra um tamanho um pouco mais alto com orientação do pessoal que vinha aqui do Rio, das escolas de São Paulo. E aí foi começando essa mudança, né, da contemporânea pra instrumentos de Carnaval, de samba, de percussão.

Orador A: Tem uma coisa interessante no meio do samba, assim, da... Nos instrumentos de batucada, as modificações são muito lentas, ne? É uma e vinte ou depois acontece outra coisa...

Orador B: É.

Orador A: Aí pra mudar um pouquinho muda o aro, aí, pô, muda, faz... Cara, isso aí já é uma vitória, pô...

Orador B: É.

Orador A: É ou não é? Não tem... Né?

Orador B: É, que bom que a contemporânea tá dando... Tá dando essa condição, né, pro

samba, assim. Além de ser uma empresa que fabrica muito bem os instrumentos, acabamento...

Orador A: É.

Orador B: ...sonoridade, tá aberto assim pra... Pra receber novas ideias de músicos, né? Cara, por exemplo, esse repique aqui, quando eu cheguei lá na fábrica, o Roberto tá... Tinha lá mais de dez peles pra gente experimentar. Aí abre o repique, monta de novo, tal, testa a pele, a espessura do aro, né? Tem uma pele rebaixada, porque facilita mais aqui pra a baqueta, e tem essa abertura aqui do aro, facilitando aqui o golpe da mão esquerda, porque quando o aro tá alto a mão vai direto no ferro, né? Por exemplo, esse corte aqui, a primeira ideia foi fazer uma meia Lua, só que a gente descobriu, na hora de puxar a afinação, que enfraquecia muito, aí empenava. Então a gente deixou só nessa parte aqui porque já é suficiente pra mão entrar.

Orador A: Muito boa a ideia.

Orador B: E é madeira também, um instrumento de madeira que é mais... Tem um som mais equilibrado.

Orador A: É.

Orador B: Bom pra gravar, bom pra... Pra, assim, tocar com microfone.

Orador A: É mais fácil, né? É mais fácil você moldar uma chapa metálica...

Orador C: É, o metal ele é sempre mais fácil de fazer. É um instrumento que, de você não ter restrições de Ibama, por exemplo.

Orador A: É, isso.

Orador C: Controle de... De natureza, de produtividade, de corte.

Orador A: É.

Orador C: O próprio jacarandá, que é cem por cento brasileiro...

Orador A: Tem que vir da Índia.

Orador C: ...você tem que comprar da Índia ou comprar da Alemanha, porque o estoque tá lá. Alguém enxergou isso lá atrás, comprou tudo, levou pra lá.

Orador A: Comprou uma leva e tanto.

Orador C: O oficial você consegue de lá. E como aqui na fábrica a gente tem a questão de polimento, a gente tem a questão de acabamento, tem uma questão de pintura...

Orador A: (Inint) [00:10:44]

Orador C: ...a gente deixa a marcenaria fora. Ela não tá aqui, a marcenaria.

Orador A: Ah, entendi.

Orador C: A madeira chega quase que pronta aqui, lixada, a gente faz...

Orador A: (Inint) [00:10:51]

Orador C: A gente faz o acabamento e, nesse acabamento, a gente faz a pintura que o cliente pedir. E toda... Enfim, toda... Toda a parte final do instrumento, mas ela já chega lixada aqui na fábrica.

Orador A: Quer dizer, o... Esse ladinho assim, o ladinho de luthier tradicional tá ali, né? Tá nessa parte.

Orador C: Tá nessa parte. Tá nessa parte da madeira.

Orador A: É. Mas, interessante, porque a gente tem encontrado, a luthieria da maneira mais simples, mas, ao mesmo tempo, complexa, que é o cara montar um violino, montar um bandolim, criar um bandolim, a madeira tem que ser tal... São... A goma laca, o verniz especial que o cara...

Orador C: É, tudo tem o seu cuidado.

Orador A: ...passou tempo estudando, e aqui a gente tem a produção em série.

Orador C: É. Agora...

Orador A: E, ao mesmo tempo, tem que ter uma excelência, tem que ter um cuidado.

Orador C: Tem. Tem.

Orador A: Né?

Orador C: No alumínio também tem isso, na chapa também tem isso porque é uma coisa... É tipo a serralheria artesanal. Eu sempre falo que aqui na fábrica, quando aumenta os pedidos, a gente tem que contratar gente.

Orador A: Entendi.

Orador C: Porque tá diretamente ligado uma coisa com a outra. Você não consegue aumentar produção de instrumento aqui, qualquer coisa, ou de madeira ou de alumínio na fábrica, sem pôr gente, mais gente pra trabalhar.

Orador A: Sem pôr gente pra trabalhar.

Orador C: Então isso é uma... É uma relação assim muito real que acontece, e aí que eu enxergo...

Orador A: (Inint) [00:12:06]

Orador C: Aí eu enxergo que a gente é ainda um luthier.

Orador A: Entendi.

Orador C: Porque se a gente ainda não...

Orador A: Você tem que se adequar ao...

Orador C: A máquina resolveria. Né? E eu não vou te falar, porque essa competitividade mundial louca que a gente vive hoje, o mundo competitivo...

Orador A: É, é.

Orador C: ...eu fui procurar muitas empresas pra tentar automatizar a produção.

Orador A: Entendi.

Orador C: E o cara quando chega aqui fala assim "meu, o processo de vocês é muito manual".

Orador A: Entendi.

Orador C: Vocês põem a mão em tudo. Eu não tenho uma máquina que faça isso.

Orador B: Era uma coisa que eu tinha um pouco de receio assim, por ser uma fábrica, de chegar lá e de ser uma coisa assim "ah, vamos botar sua assinatura aqui nesse repique e vamos nessa".

Orador A: (Inint) [00:12:43]

Orador B: Pô, eles deram toda a atenção...

Orador A: Muito bom.

Orador B: ...pelo fato do Roberto gostar, que é o dono, né, o empresário, ele deu toda a atenção, assim, tinha um cara do setor de pele, aí tinha outro cara do setor de madeira, e, assim, completamente abertos pra... Pra experimentar.

Orador A: Isso aí. Muito bom, né?

Orador B: E tá levando um tempo justamente porque... Pra gente chegar no som que a gente quer.

Orador A: Claro.

(- risos)

Orador A: Aquela pele que eu te falei que a gente tá... É um nylon.

Orador A: Olha.

Orador C: Isso é um nylon. É um nylon muito fino e muito interessante.

Orador A: Tá muito bom.

Orador C: Isso aí pra... A gente tá usando alternativa.

Orador A: Pô, muito bom. Excelente.

Orador C: Não tem harmônico.

Orador A: Muito bom. Muito bom, pô.

Orador C: Hoje os surdos de escola de samba, pro cara andar, pra ter mais agilidade, ele de oitenta ele virou quarenta e cinco, Suzano.

Orador A: É, que loucura aí.

Orador C: Tudo quarenta e cinco. Foi difícil converter, convencer os caras de que era bom, mas hoje esses surdos menores eles são mais ágeis pra você trans... Pra você andar e o som sai mais rápido.

Orador A: Mais rápido, o som é mais rápido.

Orador C: Eles se convenceram disso. E eu nem sei se isso é o motivo do andamento das baterias serem mais rápidos também sem o mestre perceber.

Orador A: É uma grande questão essa do ritmo na minha opinião, porque a escola de samba é muito questionada hoje em dia por causa do andamento. As pessoas "ah, tá correndo demais, tá virando marcha", mas, na minha opinião, tá correndo mas tá correndo bem, eles correm bem, porque eu gosto de marcar o andamento da escola de samba, assim, dos desfiles, eu fico lá com o metrônomo, e eu sinto uma queda de dois pontos, que é ínfima, às vezes três pontos e depois volta, sabe? Durante oitenta minutos. Isso aí é uma pre... É uma precisão de relógio suíço. Você fala de duzentos e cinquenta caras tocando.

Orador B: É, assim, eu sou cria de uma bateria que tocava pra frente pra caramba, do mestre Ciça. Aprendi, pô, muito o que eu sei hoje é graças ao... À condição que o meu mestre meu deu, o Ciça, né, na Viradouro, e o ritmo dele era pra frente, assim. A Viradouro pegou essa característica também de tocar pra frente. Acho que o Carnaval teve uma fase de querer pirar muito. Na época mesmo do Ciça, de colocar a bateria em cima do cara, de tocar deitado, tocar sentado. Eu acho que agora o movimento, assim, que tá rolando nas baterias é a coisa do

andamento, de puxar pra trás.

Orador A: Puxar pra trás.

Orador B: E é gozado, porque, assim, a coisa mais simples é a mais complexa agora...

Orador A: Claro.

Orador B: ...que é conseguir botar uma bateria que tocava pra frente fazer o feijão com arroz pra trás.

Orador A: Isso é pra frente, né? Agora pra trás. É.

Orador C: É legal que também, assim, cada instrumento em cada região tem o seu vocabulário.

Orador A: Tem o seu vocabulário, é.

Orador C: Por exemplo, maracanã, treme terra, sonata.

Orador A: Sonata.

Orador C: Corte, marcação, segunda, primeira, terceira.

Orador A: Isso, é uma loucura isso.

Orador C: O tamborim, caixeta; a caixa, tarol...

Orador A: Tarol.

Orador C: O repenique é o repique.

Orador A: Repique, é. No Rio é repenique.

Orador C: (Inint) [00:19:32]

Orador A: E rebolo, no Rio, nunca houve.

Orador C: Tantam.

Orador A: É tantan.

Orador C: Pra gente, o tantan era o grande.

Orador A: É o grande.

Orador C: De setenta centímetros, o rebole era o menorzinho, com cinquenta.

Orador A: Entendi.

Orador C: Aqui ó, vamos desvendar esse negócio do tantã.

Orador A: Vamos.

Orador C: Olha aí a família. Esse é o tantã. Esse é o tantã.

Orador A: Sem esse formato icônico.

Orador C: O tantã paulista.

Orador A: Tantã paulista. Isso mesmo. Esse é o tantã carioca.

Orador C: Esse é o rebole paulista.

Orador A: Esse seria o tantã carioca.

Orador C: Tantã carioca. Aqui a gente usava em São Paulo esses dois instrumentos.

Orador A: Dois.

Orador C: É o tantã...

Orador A: E o corte.

Orador C: ...e o rebole.

Orador A: Pra cortar.

Orador C: Em São Paulo. Pra cortar. Com o tempo, o que que aconteceu? Esse cara tomou

lugar do surdo.

Orador A: É verdade.

Orador C: No... No... No palco, quando... Por causa do pagode.

Orador A: Do pagode.

Orador C: O Serene e tudo mais.

Orador A: Fundo de Quintal. Exatamente.

Orador C: Agora esse cara tá saindo de cena.

Orador A: Por quê?

Orador C: Porque tá voltando o surdo.

Orador A: Ah.

Orador C: O cara tá tirando esse, esse daqui saiu também de cena.

Orador A: É tá entrando um menor pra cortar mais ágil.

Orador C: Isso.

Orador A: Entendi.

Orador C: Hoje ficou o surdo, que eles montam, o surdo de dezoito geralmente com tripé.

Orador A: Tripé.

Orador C: Que o cara às vezes toca até sentado.

Orador A: É.

Orador C: E o rebole.

Orador A: Isso.

Orador C: Então o surdo faz a marcação e o rebolo faz o corte.

Orador A: Faz o corte.

Orador C: Então hoje o pessoal põe o microfone aqui embaixo, ele capta todo o som, não precisa mais ter aquele instrumento pesadão, talvez seja por isso, né?

Orador A: Pô, vocês são os caras que, pô, tocam tô ligado, ouvem tudo quanto é tipo de som, né? Aí tem lá seus negocinhos, seus brinquedinhos eletrônicos, que eu sei muito bem, e até que ponto essa...

Orador B: É.

Orador C: ...novidade, entre aspas, assim, né, que não é novidade nenhuma, mas, assim, o fato de vocês serem pessoas antenadas com o andamento da música no mundo inteiro, assim, da música em geral, isso muda muito assim na batida, muda assim nas ideias também?

Orador B: Então na... Dentro da escola de samba, assim, a gente pensa em várias coisas. A gente senta, pô, podia rolar isso, podia rolar aquilo, mas é, justamente, como a bateria tem quase trezentos ritmistas, é difícil você fazer que os caras enxerguem que nem você, né? Então as coisas têm que... Tem que ser aos poucos.

Orador A: (Inint) [00:22:51]

Orador B: Exatamente, tem que ser aos poucos. Se você pegar as construções, né, das baterias hoje em dia, das bossas do que eles apresentam pro jurado, e pegar de cinco anos atrás, já mudaram muito.

Orador A: Mudou.

Orador B: Se pega de dez, já mudaram mais ainda. Então, assim, eu acho que isso é um caminho, né?

Orador A: Isso.

Orador B: A gente vai tentando devagar, a gente tem uma ideia que seja um pouco diferente. Você chega com uma ideia, soa estranho, então todo mundo olha com aquela estranheza

assim. Aí você precisa de um tempo pra que eles enxergam que, pô, isso pode funcionar.

Orador D: Eu lembro quando o Gabriel chegou lá, desfilou no Salgueiro um tempo também, né? Desfila ainda, né? Aí ele chegou com um solo de repique lá, tocando a levada em sete. Aí a galera ficou, tipo assim, que eles tavam tocando em sete, mas eles nem sabiam o que que eles tavam fazendo, na verdade. E eu cheguei assim, eu tô escutando, eu falei "tem alguma coisa estranha aí..."

Orador A: (Inint) [00:23:35]

Orador D: Eu falei "pô, será que eles pensaram nisso mesmo?" Aí quando eu vi, o Gabriel tava no meio da bateria passando o solo pra eles assim e a galera, tipo, tocando, cara, que solo maneiro, eu falei "cara, pô, solo em sete assim". Tipo, ali eles tavam tocando, mas não sabiam nem o que eles tavam fazendo.

Orador B: É, mas quando a gente passou, assim, tinha uma galera falando "tá errado isso aí, tá errado".

(- risos)

Orador B: Porra, que samba é esse?

Orador D: É o mundo binário, né (Inint) [00:23:55]

Orador A: Aquele aro ali vocês cortaram, ela tem... Ele tem essa fenda aí, né?

Orador C: É, é. Temos aí mais uma pele...

(Inint) [00:24:09]

Orador A: Agora eu entendi. (Inint) [00:24:14]

Orador C: E já sai com o som.

Orador A: É o som legal, né? Lindo.

(Inint) [00:24:22]

Orador C: Parece um tímpano, né?

Orador A: É. Muito legal. Pô, que maravilha.

Orador C: Eu tenho quarenta e cinco anos. Desde os cinco anos, eu tô dentro desse negócio. Então é uma coisa que eu tenho em mim, tenho ouvido, eu ouço, eu pesquiso. A gente chega a muita gente com informação, gente que passa por aqui. Tem um pouco do pessoal que tá aqui também que toca. A gente tem duas pessoas que tocam em escola de samba, em bateria. A gente tem um baterista. Então essas no... Essas informações chegam pra gente pelos músicos.

Orador A: Claro.

Orador C: Pelos amigos ou por pessoas que a gente chama às vezes pra testar um instrumento. Né? E até pela própria formação nossa, a nossa história, que tem uma base que dá pra gente fazer, assim, oferecer alguma coisa, tentar pesquisar. Entendeu?

Orador A: Como é bonito a (Inint) [00:25:17] Ih, é. E eu acho que os instrumentos de samba eles têm esse... Eles vão ter esse destino também. O samba já tá garantido, mas a questão toda é... É que muitas vezes, num set de percussão internacional, ou seja, o cara tem um surdo, de repente ele vira o surdo e aí usa a lateral (Inint) [00:25:52]

Orador C: Surdo virado.

Orador A: (Inint) [00:25:53] aí o maior som. Porque é um som que às vezes a bateria não produz, mas o surdo produz com uma timbragem que é importante pro momento.

Orador C: É.

Orador A: E aí quando você vê, você pode montar um set de instrumento de samba sendo usado em qualquer estilo musical.

.....

Fim da Transcrição [00:26:36]